



## ORIENTE MÉDIO

# Irã retalia ofensiva no Líbano e ataca Israel

No 100º dia de guerra, Teerã lança mísseis contra o norte do território israelense. Estado judeu prepara “resposta destruidora” e mantém operação militar “em todo” o país vizinho. Trump telefona para Netanyahu e pede ao premiê que não responda

» RODRIGO CRAVEIRO

### Análise da notícia

## Teste para aliados

*A aliança entre Estados Unidos e Israel pode ser colocada à prova, a depender da reação do Estado judeu à agressão iraniana. Minutos depois do lançamento dos mísseis, Donald Trump disse que instaria Benjamin Netanyahu a não contra-atacar. Israel vê o Irã como uma ameaça existencial, por conta do programa de mísseis balísticos e do enriquecimento de urânio. Trump apostava suas fichas em acordo de cessar-fogo abrangente. O titular da Casa Branca começou a guerra incentivado por seu maior aliado no Oriente Médio e, agora, tenta sair de uma armadilha e pôr fim ao conflito, que chegou ontem aos 100 dias.*

*Ao mesmo tempo que tem o potencial de atender aos seus projetos eleitorais, a desejada trégua negociada por Washington impediria que Netanyahu debilitasse ainda mais o movimento fundamentalista islâmico Hezbollah e ganhasse prestígio político. Tanto EUA quanto Israel realizarão eleições parlamentares cruciais para Trump e para Netanyahu em outubro e em novembro. Há exatamente uma semana, o presidente americano teria gritado com o israelense durante um telefonema tenso sobre as operações militares no Líbano. “Você é um maluco f...”, disse Trump, segundo fontes revelaram ao site Axios. (RC)*

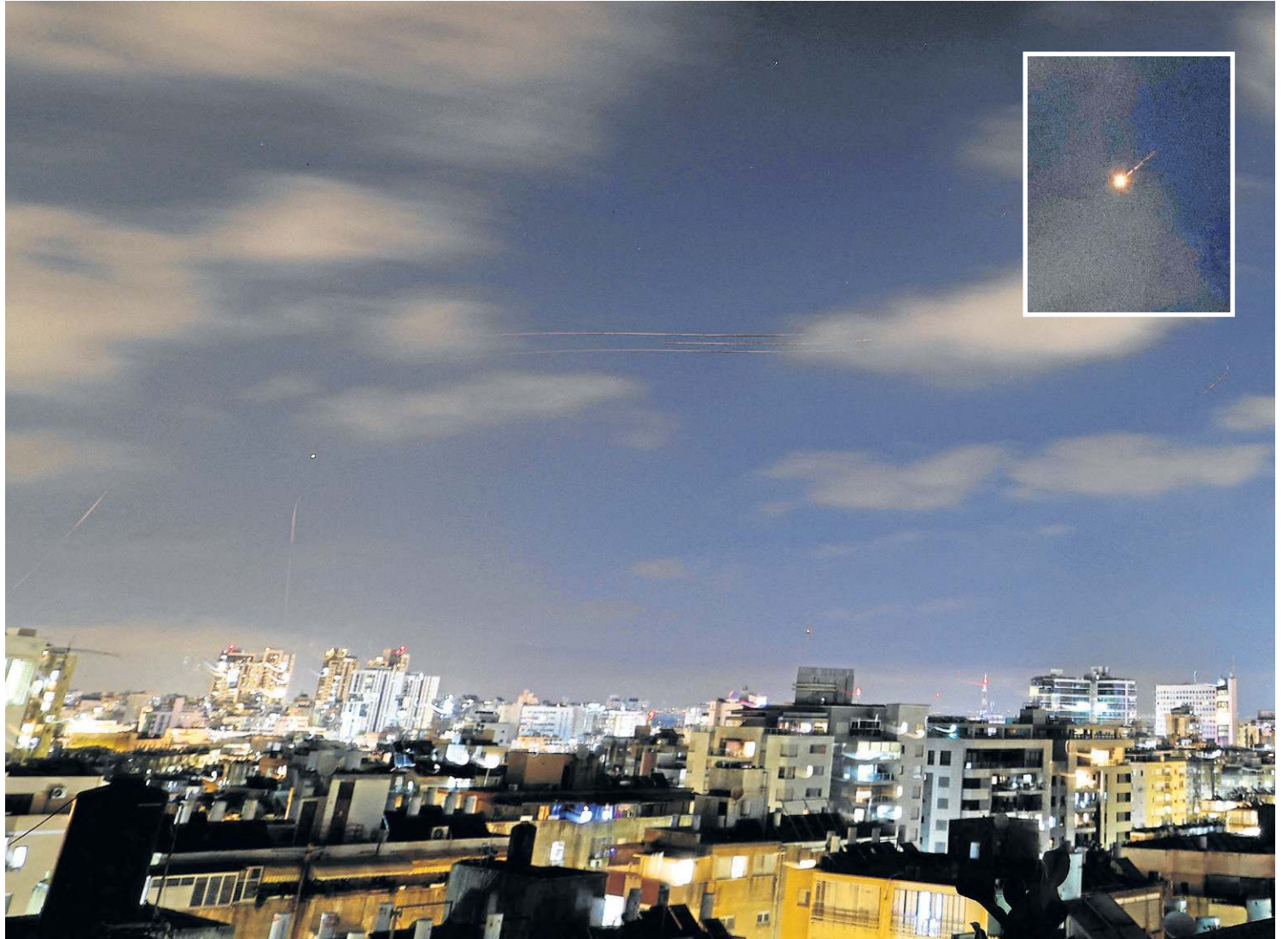
em menção à Revolução Islâmica de 1979, quando o regime dos aiatolás ascendeu ao poder.

Além da pressão de Trump, Netanyahu sofreu críticas internas. O ex-primeiro-ministro Nafthali Bennett disse que este é “o momento da verdade” e defendeu uma ação contundente e eficaz de Israel. “Nesta noite, Teerã deve queimar”, reagiu o ultradireitista Itamar Ben Gvir, ministro da Segurança Nacional.

### Festa em Teerã

Sirenes de alerta soaram na cidade portuária de Haifa e em outras localidades do norte de Israel. As forças israelenses confirmaram o ataque e anunciaram que

Jack Guez/AFP



Rastros de mísseis iranianos sobre a cidade de Netanya, às margens do Mar Mediterrâneo; no detalhe, o artefato ao ser interceptado

AFP



Fachada de prédio danificada por bombas de Israel no sul de Beirute, em área dominada pelo Hezbollah

preparam uma “resposta poderosa” à agressão. Também em Haifa, uma idosa de 79 anos ficou ferida em um dos ataques ao tentar

chegar ao abrigo antiaéreo. Nas redes sociais, viralizaram vídeos de iranianos celebrando os ataques a Israel, com bandeiras do Irã e do

Líbano, pelas ruas de Teerã. Imagens de mísseis carregando mensagens alusivas ao magnata pedófilo Jeffrey Epstein foram divulgadas

pela agência de notícias semioficial iraniana Mehr News.

A Síria e o Irã fecharam os seus respectivos espaços aéreos até segunda ordem. Apesar do alerta de Teerã sobre as operações contra o Hezbollah, Israel avisou que manterá a campanha militar “em todo o Líbano”. “Atacamos os subúrbios do sul de Beirute em resposta aos incessantes ataques do Hezbollah contra os assentamentos israelenses no norte”, declarou o general de brigada Effie Defrin. “As IDF continuarão suas operações em todo o Líbano e intensificarão seus ataques contra a organização terrorista Hezbollah. Não permitiremos mais ataques contra cidadãos do Estado de Israel”, acrescentou.

O site de notícias Axios informou que a Casa Branca não deu “luz verde” para Israel bombardear Beirute. “Não tivemos envolvimento nisto”, disse uma autoridade do governo Trump, sob anonimato.

## ELEIÇÕES NO PERU

# Boca de urna indica leve vantagem para Keiko

A candidata direita Keiko Fujimori, filha do ex-presidente Alberto Fujimori, liderava as pesquisas de boca de urna, com pouco mais de um ponto percentual de vantagem nas preferências, no acirrado segundo turno das eleições presidenciais no Peru. De acordo com o instituto de pesquisas Ipsos, Fujimori tem 50,7% dos votos, enquanto Roberto Sánchez, candidato da esquerda radical, aparece com 49,3%. Por sua vez, o instituto Datum mostra 50,5% para Keiko contra 49,5% para Sánchez.

As seções eleitorais foram fechadas às 17h pelo horário local (19 horas em Brasília), depois de uma jornada sem maiores incidentes, ao contrário do caótico primeiro turno, marcado por falhas técnicas e denúncias de fraude.

O caso mais grave envolveu a apreensão de 90 cédulas de votação marcadas, em Lima. As autoridades da Junta Nacional Eleitoral (JNE) e do Escritório Nacional de Processos Eleitorais (ONPE) informaram que o material, que foi invalidado, estava em posse de integrantes de uma organização política cujo nome não divulgaram.

Apesar disso, Roberto Burneo, presidente da JNE, descartou fraude e assegurou que a votação transcorreu com tranquilidade. O segundo turno ocorreu em meio a um forte aparato de segurança.

Em entrevista ao **Correio**, Kathy Zegarra — integrante da Rede de Cientistas Políticos do Peru e especialista da Pontifícia Universidad Católica del Perú — admitiu que a eleição foi muito disputada.

“A diferença entre Keiko e Sánchez indica empate técnico. É provável que Keiko vença com margem muito pequena. Isso significaria que os peruanos consideraram-na um ‘mal menor’. A soma de votos dos dois candidatos não representa 30% do total no primeiro turno, o que não levou a uma polarização”, afirmou. “São dois candidatos muito pequenos, que conseguiram passar para o segundo turno, sem que fossem necessariamente populares ou desejáveis.”

De acordo com Zegarra, muitos peruanos votaram sem esperança e pensando em qual seria a menos pior opção. “Apesar de ser muito cedo para cravar um vencedor, é importante que as elites políticas atuem democraticamente, buscando esperar os resultados

finais, sempre com respeito pelos resultados. Não houve reclamações nem indicações de fraude”, disse a especialista.

### Luta voto a voto

Alejandro Céspedes García, cientista político e chefe editorial do jornal *La República*, explicou ao **Correio** que o comparecimento às urnas não superou os 60%. Ele vê com reservas a boca de urna. “Há muito ceticismo e triunfalismo por parte do fujimorismo. O voto a favor de Keiko foi muito maior em Lima. Ela tem um poder importante em relação ao envio de fiscais para as seções eleitorais. Haverá uma luta voto a voto, principalmente nos locais onde Fujimori perder.” (Rodrigo Craveiro)

Martin Bernetti/AFP



A direita Keiko Fujimori, ao votar em seção eleitoral de Lima